

A POÉTICA DA PESQUISA: FORMAÇÃO DOCENTE

CRISTIANA CALLAI DE SOUZA

ESTUDOS DO COTIDIANO DA EDUCAÇÃO POPULAR

2. DIDÁTICA, FORMAÇÃO E PROFISSÃO DOCENTE

A pesquisa com o cotidiano coloca em xeque os meus saberes, conceitos e pré-conceitos, reforçando a importância do “outro” na formação do pesquisador. A pesquisa com o cotidiano da Educação Infantil me interroga, me surpreende, me convida a pesquisar com ele e habitar outros espaços e tempos. Este aprender junto é desafiador, e da mesma forma que afirma a potência para transformar o que eu já sei e o que eu ainda não sei, produz indagações à metodologia da pesquisa, colocando-me diante de muitas perguntas.

Para realização da pesquisa em uma escola da rede municipal da Educação Infantil na cidade de Niterói – RJ, com crianças na faixa etária entre cinco e seis anos, manifestei o interesse em acompanhar as experiências vividas no cotidiano escolar a partir das vozes infantis, que inquietam a conhecer, (re) conhecer-me naquilo que o “outro” me faz pensar, sentir, falar, e as contribuições desta discussão na prática pedagógica, possibilitando a ampliação dos modos de compreendê-la e praticá-la na Educação da Infantil.

Ao ser encaminhada a uma sala de aula, sou apresentada à professora e às crianças. A turma está na rodinha das novidades, as crianças me olham curiosas, elas estão inquietas com a minha presença. Há uma estranha na sala de aula.

E agora, como agir?

Queria conversar com as crianças. Ao me aproximar delas para nossa “conversa” elas ficavam quietas e atentas me olhando, o meu sotaque se apresentava ao falar, e elas riam baixinho, se mexiam, e voltavam a me olhar. O tempo vigiado, controlado e disciplinado permitia a continuidade do planejamento da professora, não conseguia me aproximar das crianças, quanto menos, ouvi-las. Fronteiras invisíveis eram erguidas, estava presa nelas, sob atenta vigilância. Caminhos percorridos por entre fronteiras movediças, resistências, criações, negociações constantes de quem vive o cotidiano que não é previsível, e que se alterou com a minha presença.

Numa manhã do mês de abril de 2008 eu estava na escola e a turma iria brincar no pátio. Esse pátio é composto por diferentes espaços, a maior parte com calçada e brinquedos de parquinho, exceto um espaço que parece um “chiqueirinho”, um pequeno espaço de terra

escura cercado por grade e com uma casinha de boneca no meio. A proposta da professora Bianca era para a turma ir ao pátio com as caixas de brinquedos da sala, e aproveitar o sol da manhã para brincar.

Como há uma distância muito grande entre o que se diz e o que se entende, algo falhou na comunicação. Quando eu e Bianca chegamos ao pátio, logo atrás das crianças, que de tão rápidas pareciam voar, elas apareciam e desaparecem diante de nossos olhos, e ao olharmos de novo, elas já estavam virando as grandes bacias de brinquedos na terra escura. Ficamos ali paradas, olhando, eu e Bianca, a terra escura virar sorvete de chocolate dentro dos inúmeros potinhos, as folhas das árvores se transformarem em enfeites de bolo, as mãos se lambuzaram na terra úmida. Os pequenos *chefes* de cozinha apresentaram um vasto cardápio de refeições, ao qual fomos convidadas a experimentar.

Levávamos os quitutes à boca, mastigávamos com calma, observadas pelos olhares atentos dos *chefes* de cozinha, pois era assim que eles se portavam. Eles acompanhavam tudo com muita atenção, após nossa cara de “hummm”, estou sentindo o gosto de..., seus olhos brilhavam, atentos as nossas expressões.

Os pequenos *chefes*, logo após a emissão dos nossos pareceres, corriam felizes, como pipas ao vento a preparar outro prato. Eu e a professora Bianca não vencíamos tanta oferta, experimentávamos tudo, da sobremesa sofisticada de mousse com morangos ao feijão com carne seca. Mas, para correspondermos a essa demanda fomos incansáveis em nosso papel de degustadoras. No final, eu também havia criados alguns pratos, minhas mãos estavam lambuzadas de terra, os papéis exercidos na brincadeira não eram fixos.

As crianças inventam mundos, cenas, textos, paisagens, diálogos, receitas, sabores, combinações. Essa experiência surgiu de forma inesperada, rompeu com o planejamento do dia, e respondeu aos desejos das crianças de experimentarem a terra molhada, sentirem sua textura, cheiro, temperatura, elas se lambuzaram com a terra que naquele momento se transformou em muitas coisas.

Quando lembro das crianças brincando na terra, penso: *crianças sem juízo!!!* Subvertem a lógica da professora, rompem com a programação da aula, nos pegam de surpresa. Sem “*juízo*” porque ainda não estão formatadas na cultura escolar.

Essa experiência vivida nos convida a sentir a *força infantil*, aquela que nos desestabiliza, rompe com nossa lógica, se impõe com uma força que nos enfraquece e se afirma numa ação criadora que nos possibilita vivenciar outras experiências, ser afetada pelos sentidos, ver, tocar, ouvir, cheirar...

Ao pensar a educação da infância a partir do lugar do “outro”, de um outro marcado, adjetivado pelo que lhe falta, e condicionado pelos binarismos conceituais e suas formas de ver o mundo, encontro nas relações com os “outros” que habitam o cotidiano escolar da Educação Infantil faíscas que me permitem a desconstrução do mesmo na educação. É na experiência com a alteridade que vislumbro uma educação da infância sensível às crianças.

Palavras-chave: Infância – Formação – Pesquisa.

REFERÊNCIAS

- ESTEBAN, Maria Teresa. Dilemas para uma pesquisa com o cotidiano. *In*: GARCIA, Regina Leite. *Método: pesquisa com o cotidiano*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- NARODOWSKI, Mariano. *Infância e poder: conformação da Pedagogia moderna*. Bragança Paulista: São Francisco, 1994.
- SKLIAR, Carlos. *Pedagogia (improvável) da diferença: e se o outro não estivesse aí?* Rio de Janeiro: DP&A, 2003.